

JEAN CARLO GONTIJO

O hip hop: uma vivência de lazer em Divinópolis MG

**BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FERDERAL DE MINAS GERAIS
2011**

JEAN CARLO GONTIJO

O hip hop: uma vivência de lazer em Divinópolis MG

**BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2011**

JEAN CARLO GONTIJO

O hip hop: uma vivência de lazer em Divinópolis MG

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Lazer – Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Lazer.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Vânia de Fátima Noronha Alves

BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FERDERAL DE MINAS GERAIS
2011

G635 Gontijo, Jean Carlo
h O hip-hop: uma vivência de lazer em Divinópolis-MG.
2011 [manuscrito] / Jean Carlo Gontijo – 2011.
51 f., enc.

Orientadora: Vânia de Fátima Noronha Alves

Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 50-51

1. Lazer. 2. Juventude. 3. Juventude - Recreação. 4. Hip-hop (Cultura popular jovem). I. Alves, Vânia de Fátima Noronha. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8(815.1)

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CENTRO DE ESTUDOS DE LAZER E RECREAÇÃO – CELAR
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LAZER

TRABALHO INTEGRADO

Título: O Hip Hop: uma vivência de lazer em Divinópolis MG

Aluno (a): Jean Carlo Gontijo

Número de Matrícula: 2009751838

Professora Orientadora: Dr^a. Vânia de Fátima Noronha Alves

Classificação: A

Nota: 100,0

Data da aprovação: 20/05/2011



Vânia de Fátima Noronha Alves

À

Biblioteca Universitária da UFMG

Coleção Memórias

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar como jovens ligados a um grupo de hip hop desenvolvem práticas de lazer em sua comunidade, um bairro de periferia da cidade de Divinópolis, Minas Gerais. A possibilidade de apropriação de diversos espaços nos bairros de periferia e mesmo no centro da cidade, para a prática do lazer por jovens pobres são alguns dos pontos principais do trabalho. A pesquisa de campo foi realizada junto ao grupo de break Maquiavélicos Crew, na pesquisa acompanhamos a rotina dos integrantes do grupo, principalmente, no bairro onde moram. Enquanto metodologia, o estudo foi realizado mediante a pesquisa bibliográfica, documental e empírica levando o pesquisador a se inserir no grupo pesquisado. A participação em grupos culturais e o envolvimento na articulação de eventos e nas “posses” do hip hop irão proporcionar a muitos jovens pobres vivenciar de maneira prática e concreta a sua cidadania.

Palavras-chave: Lazer. Juventude. Juventude - Recreação. Hip-hop (Cultura popular jovem).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	HIP HOP, JUVENTUDE E LAZER: TEMAS QUE SE INTERLIGAM..	16
2.1	O universo juvenil e o lazer.....	16
2.2	As festas e a condição juvenil.....	19
3	O HIP HOP INVADE A CENA DA CIDADE E DO LAZER.....	22
3.1	A onda hip hop: o estilo que vem da periferia.....	22
3.2	O contexto do surgimento do hip hop no Brasil.....	26
3.3	A periferia, o hip hop e as práticas de lazer.....	31
4	O GRUPO MAQUIAVÉLICOS CREW E A BATALHA PELO LAZER..	38
4.1	Divinópolis, do centro a periferia.....	38
4.2	O bairro Del Rey como o cenário para o grupo Maquiavélicos Crew.....	40
5	CONCLUSÃO.....	49
	REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procura compreender os processos pelos quais os jovens do movimento hip hop possuem determinados acessos a práticas e aos espaços de lazer, não somente no bairro onde moram, mas também, na sua cidade, ou seja, no nosso caso, na cidade de Divinópolis. Este jovem inserido neste cenário cultural em grande parte mora na periferia, e a própria periferia é a inspiração de suas letras, danças e grafitis. Suas práticas cotidianas buscam entre outras tantas possibilidades diversificar o acesso ao lazer, principalmente aos jovens pobres do bairro. É claro que, as condições sociais e econômicas de certa forma delimitam o acesso a bens culturais, a espaços de lazer e suas práticas. Mas, também sabemos que às vezes jovens que possuem rendimentos econômicos próximos tem acesso a formas bastante distintas de lazer.

Determinados grupos de jovens investem em diferentes formas de lazer, mesmo possuindo uma renda particular e familiar similares. No caso dos jovens ligados ao movimento hip hop a maioria possui uma renda baixa, e geralmente, investem muito em viagens para eventos culturais, no vestuário ligado ao seu estilo, em equipamentos de som ou aparelhos para produção cultural. Já os jovens, que possuem ligação com o esporte, costumam investir muito de seus rendimentos em materiais esportivos, como: bolas, aluguéis de quadra, calçados esportivos e em camisas de clubes. Também sempre sobra um dinheiro para uma viagem ao estádio para assistir ao time do coração. Assistir a jogos em bares pelo sistema pay per view é uma das grandes opções para grande parte destes jovens. Para outros tantos jovens pobres da periferia, a referência de lazer é muito ligado as chamada “baladas” que são festas e shows que ocorrem pela cidade. Neste caso o investimento é nas roupas da moda, nos ingressos, nas bebidas e no caso das meninas, há todo um investimento na produção da beleza, principalmente no trato com o cabelo. Mas, mesmo com interesses e investimentos diferentes, o lazer ocupa uma posição central em suas vidas, e parece ser o eixo pelo qual se identificam enquanto jovens.

Meu interesse por este tema: lazer, hip hop, juventude, periferia nasceu da minha participação ativa como educador social em diversos projetos sociais com jovens,

principalmente no projeto “Formação de Agentes Culturais Juvenis¹” do Observatório da Juventude da Faculdade de Educação da UFMG. Como professor e coordenador de um CAIC (Centro de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente) continuei meu trabalho de educador social inclusive atuando em outros projetos sociais em Divinópolis. Durante todo este período podemos constatar que as práticas de lazer possuem uma centralidade na vida dos jovens, tendo inclusive uma grande contribuição na constituição de suas identidades enquanto grupo juvenil.

Com base nesta vivência com jovens pobres de periferia que constatamos que o acesso ao lazer se dá de forma muito variada entre eles, colocamos esta questão em nossa introdução porque quase sempre se pensa nesses jovens de forma homogênea. Ou seja, quando se fala em jovem pobre e da periferia, logo vem na mente um jovem que gosta de futebol, pagode e funk, não levando em conta a diversidade cultural.

Minha hipótese é de que não se pode ter esta visão generalizada do jovem, pois, sabemos hoje que há uma diversidade cultural muito ampla entre eles, principalmente os de periferia, e esta possibilita um acesso também diversificado aos bens de lazer. Podemos notar, por exemplo, que os jovens que integram grupos culturais possuem, na maioria das vezes, um acesso bem mais amplo a diversos bens culturais e espaços de lazer, se comparado a outros jovens que não pertencem a um grupo cultural juvenil. Jovens integrantes de grupos culturais tais como grupos de rap, funk, street dance, pagode, rock, samba, teatro, reinado, grafite, Djs, skate etc criam uma rede de relações que lhes permitem uma maior circulação pela cidade. Eles estabelecem pontos de contatos em várias partes da cidade, circulam muitas vezes numa cena cultural alternativa, conquistam outros territórios para além daquele em que residem. No entanto, não significa que os jovens pobres que não pertencem a grupos culturais não circulem pela cidade, ou tem acesso a ela.

Na realidade o que queremos dizer, é que, jovens pobres integrantes de grupos culturais adquirem um potencial maior para circularem, porque via de regra possuem

¹ O Projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis foi uma iniciativa do Observatório da Juventude da FAE/UFMG coordenado pelos professores Dr Juarez Dayrell e Dr^a Nilma Gomes. O Projeto teve início em 2002 e trabalhou com cerca de 39 jovens da Região Metropolitana de BH ligados a diversos grupos culturais, com o objetivo de fornecer subsídios teóricos e práticos para potencializar as ações que eles já desenvolvem e para que assumam o papel de agentes culturais em suas comunidades. O projeto teve um grande impacto na vida dos jovens e também nos grupos culturais no qual estavam integrados, proporcionando uma melhor profissionalização dos mesmos.

um suporte maior que os outros jovens a medida que o próprio grupo a que pertencem possuem outras várias conexões formando assim uma rede de pontos interligados pela cidade. Do mesmo modo é interessante notar que os jovens que não integram grupos culturais, se deslocam pela cidade na maior parte, devido à participação em atividades de lazer, cultura e esporte. Ir a um baile em outra comunidade, bater uma bola em outro bairro, ou mesmo em outra cidade.

Quando participei da Pesquisa Formação de Agentes Culturais Juvenis pelo Observatório da Juventude da FAE/UFMG acompanhei de perto um grupo de jovens integrantes do movimento hip hop da periferia de Betim. Nesta ocasião pude problematizar algumas questões. Foi interessante, por exemplo, observar o potencial de mobilidade espacial destes jovens. Mesmo se tratando de jovens muito pobres, eles ao vivenciarem a cultura hip hop se movimentavam no circuito cultural da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Praticamente todo final de semana participavam de atividades culturais, e muitas vezes os eventos aconteciam em outras cidades. Estamos pontuando esta questão porque, ficou também claro que, numa direção contrária, muitos jovens praticamente tinham acesso ao lazer somente em seu bairro, e foi até comum encontrar jovens de 15 ou 16 anos que não conheciam o centro de Belo Horizonte. O potencial de circulação de um jovem é muito importante na diversidade e qualidade de acesso ao lazer que ele busca. Aqui se entrelaçam, com outras variáveis de suma importância a renda, o capital social, a ausência de políticas públicas de lazer ou políticas públicas democráticas e eficazes para a população de baixa renda e principalmente a educação.

Em meados de 2003 retornei de Belo Horizonte para Divinópolis para trabalhar na Rede Municipal de ensino, neste mesmo período comecei a desenvolver um Projeto de formação de agentes culturais juvenis na FUNEDI/UEMG. Durante o projeto me aproximei de vários jovens ligados a diferentes grupos culturais onde foi possível estabelecer e aprofundar relações com os mesmos. Foi durante este período que conheci o grupo hip hop *Maquiavélicos Crew* liderados por dois jovens moradores de uma periferia de Divinópolis. Praticamente, desde 2004, acompanho este grupo, seu cotidiano e suas apresentações. Contudo, a partir de 2008, perdi um pouco do contato com o grupo, o que buscarei refazer agora para a realização da pesquisa.

Ao longo da pesquisa, estaremos trabalhando a concepção de juventude que considera o jovem a partir de sua realidade concreta, e não apenas um jovem imaginário. Este jovem está inserido em um determinado contexto social e econômico, em um dado momento histórico. É um jovem que pensa e age sobre o mundo, a sua maneira, de acordo com as suas possibilidades. Ao longo do trabalho Stoppa (2005) e Dayrell (2001) nos darão importantes subsídios para tentarmos entender melhor a condição juvenil.

A concepção sobre lazer e periferia são outros conceitos que permearão o trabalho. Sobre o lazer, trabalharemos como marco teórico desenvolvendo o conceito dentro das linhas propostas por Nelson Marcelino e Cristiane Gomes. Assim, para Marcelino (2007, p.10):

“ Lazer é a cultura – compreendido no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. O importante como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação”

Aqui a noção de vivenciar o lazer no tempo disponível é importante para as nossas análises, pois, nos permite verificar em quais condições de tempo e espaço os jovens praticam seus ensaios e apresentações. Este autor faz uma importante relação entre tempo/atitude, mesmo dispondo de pouco tempo disponível os jovens do movimento hip hop possuem uma intensa atitude para suas praticas culturais. As atividades ligadas ao movimento hip hop, os ensaios, as apresentações parece organizar toda a vida social desses jovens. A intensidade com que se envolvem com tudo aquilo que se refere a sua cultura dita o ritmo de suas vidas. O tempo livre disponível é para ensaiar, compor uma letra, encontrar com o “mano” do movimento e quase sempre para a articulação das próximas ações.

Outra importante abordagem sobre conceitos de lazer foi discutida por Gomes (2008, p.04) o lazer é concebido por ela da seguinte forma:

“Uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações – especialmente com o trabalho produtivo”.

A autora faz uma importante relação entre tempo, espaço, manifestações culturais e atitude – esta última relacionada ao lúdico – o que possibilita ampliarmos o entendimento do fenômeno lazer.

O conceito de periferia também será de fundamental importância em nosso trabalho, a antropóloga Teresa Caldeira vem desenvolvendo importante pesquisa nessa área, buscando entender as transformações que vem ocorrendo nos últimos anos deste fenômeno. Para autora:

“ A palavra é usada para designar os limites, as franjas da cidade, talvez em substituição as expressões mais antigas, como “subúrbio”. Mas, sua referência não é apenas geográfica: além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura urbana”. Caldeira (1984,p.07).

Gostaria de ressaltar que esses conceitos abordados, como juventude, lazer e periferia irão se entrelaçar ao longo do texto. No nosso entendimento esses temas se relacionam entre si e são de fundamental importância para os estudos em suas áreas.

Para aprofundar a pesquisa na relação entre o lazer e as manifestações do movimento hip hop, estabeleci como objetivo deste estudo, analisar o processo pelo qual, os jovens integrantes deste movimento se apropriam dos espaços de lazer em suas comunidades e também na cidade onde moram, e o significado de lazer para eles.

- De que maneira os jovens integrantes do movimento hip hop se apropriam dos espaços de lazer na sua comunidade e também em sua cidade?
- Qual o significado e a importância do lazer na vida destes jovens?

Utilizaremos livros, artigos científicos, matérias de jornais e revistas especializadas relacionadas ao tema: lazer, hip hop, juventude e periferia. Nos últimos anos, vem crescendo a produção acadêmica nestas temáticas, são temas que apesar de haver um longo período tempo de produção, vem trazendo abordagens novas. Em nossa

visão, um olhar que interligasse o lazer, a juventude, o hip hop e aos estudos sobre periferia traria uma contribuição significativa ao campo do lazer.

Para o trabalho de campo iremos acompanhar o dia a dia dos jovens que integram o grupo cultural. Acompanharemos os ensaios, a preparação e apresentação pública do grupo. É parte importante também deste processo, o cotidiano dos jovens no seu bairro e também em suas casas. Esta etapa da pesquisa será realizada no período de agosto a dezembro de 2010, período em que acompanharemos as ações e participações dos jovens em atividades de lazer. Para esta pesquisa de campo o principal instrumento de coleta de dados será a observação participante, pressupondo o convívio direto com as pessoas a serem estudadas por meio do diário de campo. Aqui a própria cidade será o campo de trabalho, os jovens integrantes do movimento hip hop os principais sujeitos da pesquisa.

Iremos utilizar a entrevista aberta, por se tratar de um grupo cultural pequeno com apenas 3 membros optamos por realizar uma entrevista aberta com algumas perguntas semi-estruturada. A entrevista será gravada e transcrita.

2 HIP HOP, JUVENTUDE E LAZER: TEMAS QUE SE INTERLIGAM

2.1 O universo juvenil e o lazer

Atualmente, o termo que utilizamos para nos referir as diversas práticas juvenis está ligado ao conceito de “universo juvenil”, ou seja, um conjunto de atitudes, valores, idéias e comportamentos que nos remetem a um determinado grupo, neste caso os jovens. Este universo juvenil tal como ele nos apresenta hoje, teve início no período que se abre depois da Segunda Guerra Mundial. A partir deste período, ocorrem mudanças significativas na problematização sobre a juventude, centradas principalmente, na ampliação e vinculação aos espaços de lazer, a indústria cultural e aos meios de comunicação. Segundo Abramo (1994,p.28)

“O principal sinalizador é a emergência de uma cultura juvenil ampla e internacional, ligada ao tempo livre e ao lazer, que abarca novas atividades e espaços de diversão e novos padrões de comportamento, especificamente juvenis, que produzem uma série de atritos e conflitos com as normas e as instituições e seus representantes.”

Ainda segunda ela o novo ciclo de desenvolvimento do pós-guerra juntamente com a política do *welfare state* trouxeram um incremento crescente no consumo. A demanda por produtos e a capacidade de produzir novos bens de consumo tiveram como alvo, principalmente, a juventude, que, a partir, deste momento passa a ser um modelo para a indústria e a sociedade. Com todas as transformações ocorridas a partir da Segunda Guerra Mundial, houve uma grande valorização social do tempo livre. Há também a redução da jornada de trabalho, que possibilita a ampliação e diversificação dos bens de entretenimento e da cultura de massas. O jovem passa a ser uma espécie de modelo ideal para atender a expansão de novos produtos e serviços. Os meios de comunicação de massa passam a ter uma importância vital para este novo modelo de juventude: a expansão dos programas de rádios, de TV, a indústria fonográfica com os discos de vinil, a indústria da publicidade e o surgimento das discotecas. Agora sim está montado o cenário para uma juventude ligada fundamentalmente ao seu tempo de lazer e consumo. Assim, começam a surgir determinados espaços de lazer como lanchonetes e discotecas, programas de auditório, tipos de vestuários como o *jeans* e as jaquetas de couro que passam a ser identificados como bens de consumo juvenil. É então que

passamos a generalizar a idéia de uma *cultura juvenil*, e sua internacionalização é rápida e surpreendente atingindo praticamente jovens do mundo todo.

Sem dúvida, desde o período do pós-guerra até nossos dias de hoje, a noção de *cultura juvenil* permanece muito ligada ao lazer e ao tempo livre. Mesmo que atualmente os estudos da antropologia e da sociologia e outras áreas do conhecimento tenha aberto um leque de campos diferentes relacionados a temática juvenil, tais como: juventude e trabalho, escola, violência, movimentos sociais, esporte, política, enfim, uma variedade de temas. É sempre mais comum falarmos, e às vezes até relacionarmos de maneira inequívoca juventude, lazer e tempo livre. Esta relação direta tenta mostrar a juventude como uma fase hedonista, como um momento em que o jovem vivência apenas momentos de prazer. Essa visão é reducionista e não consegue alargar todos os leques de possibilidades da condição juvenil. Novos estudos, por exemplo, vem demonstrando que nas camadas populares se inicia muito cedo a presença dos jovens no mercado de trabalho, e, quase sempre em empregos precários com baixos rendimentos. Grande parcela da juventude brasileira vive em condições de pobreza extrema, muitos são empurrados para a violência, milhares morrem vítimas de armas de fogo e acidentes de trânsito, uma verdadeira epidemia.

O lazer como sabemos, e podemos até perceber com facilidade, é fundamental na análise, principalmente hoje, da chamada *condição juvenil*. Juarez Dayrell (2001) em sua pesquisa de doutorado sobre o movimento hip hop e o funk entre jovens pobres, das periferias da Região Metropolitana de Belo Horizonte, constatou a importância da festa e do lazer na construção da identidade dos jovens. Ele afirma que sob este aspecto, a música e a dança são constitutivos essenciais na formação de uma identidade juvenil. Segundo ele:

“As experiências dos jovens nos grupos musicais evidenciam que o rap constitui um dos poucos espaços em que podem vivenciar a sua condição de jovens. O estilo proporciona algumas circunstâncias centrais na construção de uma identidade juvenil: a música é um quadro de referências comuns por meio dos quais fazem uma leitura da realidade; as práticas coletivas tanto na produção musical quanto na fruição do lazer, além de um conjunto de ícones que os distinguem do mundo adulto. São condições que possibilitam a

construção de uma determinada identidade coletiva como jovens, uma expressão particular da própria condição juvenil.” Dayrell (2001,p.138)

Uma série de estudos vem demonstrando que entre o grupo de pares o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil, principalmente, das camadas populares. Nos relatos dos jovens com quem realizamos diversas pesquisas, e de acordo com os autores, Dayrell (2001) e Gontijo (2004), fica bem claro que, desde a adolescência, o grupo de amigos articulados em torno de uma identidade musical e do lazer dela decorrente cumpriu um papel importante para cada um. É nesta fase da vida que eles começam a ampliar suas experiências de vida, muitos começam a trabalhar com 12 ou 13 anos, alguns abandonam a escola. A partir deste momento é que saem de casa para “zuar” como dizem, passam a ter mais autonomia, “escolhem” as formas de lazer e diversão. Nesta etapa de suas vidas é que eles se agregam a determinados grupos de estilos, e o estilo passa a funcionar como referência para as escolhas dos amigos, para a ocupação do tempo livre e para práticas diversas de lazer. Sobre os grupos de estilo, Abramo nos diz:

“É então que emergem como personagens expressivos desse novo universo juvenil os grupos articulados em torno do estilo. São fenômenos que se desenrolam justamente no cruzamento dos campos do lazer, do consumo da mídia, da criação cultural e lidam com uma série de questões relativas às necessidades juvenis desse momento. Entre elas a necessidade de construir uma identidade em meio à intensa complexidade e fragmentação do meio urbano, e que se reflete no peso sinalizador e na velocidade das modas.” (1994,p.82)

Aqui é importante lembrar que as escolhas destes jovens pobres para suas opções de lazer e para a constituição dos grupos de pares se dá inicialmente com as possibilidades do espaço de seu bairro, ou na região onde moram. Mas, a medida que vão se envolvendo com estilo, eles começam a participar de diversos eventos e ocorre então a ampliação da rede de relações que extrapola o bairro e até mesmo a cidade onde vivem.

Assim, o grupo de estilo possibilita uma maior circulação e ampliação da rede de relações dos jovens pobres, como também possibilita uma maior fruição do tempo e espaço de lazer. Em nosso caso particular, em que pesquisamos grupos de hip hop, observamos um alto grau de rotatividade em que sempre há um nascer e renascer de grupos. Esse dinamismo possibilita que as experiências vivenciadas por estes jovens

sejam muito dinâmicas e diferenciadas. Quando estão ainda na adolescência maior é o dinamismo e a troca de membros dos grupos, ou mesmo o fim de um grupo e a formação quase que imediata de outro. Também é muito comum a troca de estilo entre os mais novos, e todas as trocas e mudanças rápidas entre eles não são vistos como problema ou algo negativo, ou como dizem: “faz parte, né”. As rupturas nesta fase não se apresentam como um problema, mas como um caminho que se segue, na busca de novas experiências. Para Dayrell (2001) a descontinuidade dos grupos e das próprias relações pode e deve ser vista como uma das características da própria condição juvenil, e não tanto do estilo em si, que seria um elemento a mais na composição da identidade juvenil.

Segundo Dayrell (2001), é necessário questionar as imagens que na maioria das vezes abordam a juventude por um viés negativo, pois, enfatizam quase sempre aspectos daquilo que faltaria para corresponder a um determinado modelo de ser jovem. Na mesma linha deste autor anteriormente citado, Stoppa (2005,p.33) diz:

“Compreendo a juventude como uma condição social e um tipo de representação, de atores sociais que constroem a partir de seu cotidiano, diferentes modos de ser jovem, influenciados pelo meio social onde vivem e pelas trocas proporcionadas por esses espaços”.

Assim, é necessário considerar o jovem a partir da sua realidade concreta, e não o jovem imaginário. Este jovem que tem um determinado modo de ser, de se vestir e de pensar. O jovem que pensa e age através da cultura, do meio econômico e social no qual ele está inserido.

2.2 As festas e a condição juvenil

Talvez poucas coisas se encaixem tão bem com a noção de juventude como o conceito de festa, principalmente no senso comum. As pessoas hoje em dia associam o tempo de vida a qual denominamos como juventude – para o IBGE seria o período compreendido entre 16 e 28 anos – como um período de tempo marcado pela busca desenfreada do prazer, da beleza, da “curtição”. É claro que esta imagem da juventude, é carregada de ambigüidades, e traz em si uma visão de juventude difundida pelos meios de comunicação de massa. Este conceito de juventude na verdade é um grande

produto da indústria cultural, que com certeza tem influências no mercado gerando muito lucro para as empresas, principalmente, aquelas ligadas a beleza, e também no mercado musical, cinema, fonográfica e de shows. Em todas elas existe uma tentativa de se estabelecer uma noção de juventude homogênea: jovem, “corpo sarado”, felicidade, bem estar, amigos e festas, muitas festas.

Tentando fugir um pouco deste rótulo tentaremos percorrer os caminhos que ligam inegavelmente a juventude aos mais variados tipos de festas, e como estas festas se articulam com a condição juvenil. Um dos aspectos da festa que nos chama mais atenção é a sua capacidade de promover o encontro. Talvez poderíamos mesmo dizer que festa é sinônimo de encontro. Segundo Rosa (2007,p.196) “Na atualidade, festas do movimento *hip hop* e bailes funk promovem, junto a outras manifestações da cultura juvenil, associados ao lazer, a construção de identidades.” Assim, já podemos perceber a importância que as festas adquirem para os grupos de jovens. Nas camadas populares, entre os jovens pobres de periferia, por exemplo, uma das principais formas de lazer a que eles possuem acesso são as festas dos finais de semana. Segundo Abramo (1994,p.66)

“Boa parte da diversão destes jovens tem na música um dos seus principais elementos, seja para ouvir, para dançar ou tocar. A música está presente e acompanha quase todos os momentos de lazer: o tempo em que se fica sozinho em casa, o encontro com os amigos, as festas e, principalmente, os bailes.”

É interessante notar que as festas de finais de semana envolvem todo um ritual, que vai desde a sua organização até o momento, em que ela realmente acontece. Os jovens se envolvem numa série de rituais que organizam praticamente durante toda a semana o seu tempo de vida. Entre os meninos acontece a organização dos grupos de pares, eles se falam durante toda a semana. Quando é uma festa organizada pelos jovens do movimento *hip hop*, é comum acontecer várias reuniões durante a semana, quando o evento está próximo “a correria” é intensa. Por outro lado, existe é claro toda a produção da imagem, por exemplo, arrumar o cabelo às vezes, é um ritual que pode durar várias horas. E existe também toda aquela preocupação com a roupa que proporcionará o acabamento final no estilo, segundo Abramo (1994,p.71):

“ A roupa e a imagem corporal assumem uma importância particular para os jovens, por vários fatores. Um deles é que a preocupação com a própria imagem assume um significado todo particular nesse momento da vida. A busca de exibir sinais seguros e visíveis de pertencimento a um determinado grupo faz parte do processo de definição de identidade característico desta fase”.

Como observamos o cuidado com o estilo e com sua imagem corporal é quase que sagrado para o jovem. São grandes os sacrifícios para que muitos deles possam comprar seus adereços. É comum que alguns gastem todo o seu salário para comprar uma única peça de roupa ou tênis da marca que está mais em evidência, que se tornam grandes objetos de desejos dos jovens. As festas se transformam em passarelas para exibirem o seu estilo e a roupa nova que compraram. Segundo Abramo (1994) a aquisição destes bens gera uma identificação com uma imagem genérica de juventude, e ajuda a estabelecer uma certa identidade juvenil. A participação nas festas possibilita também aos jovens a possibilidade de mobilidade espacial. Sair do seu bairro e deslocar-se a outro, ou mesmo ao centro da cidade. No caso dos jovens do movimento *hip hop* este fator é essencial: a apropriação do espaço urbano. Os jovens integrantes do movimento *hip hop* que acompanhamos em Divinópolis, por exemplo, moram na periferia, mas treinam e se apresentam no centro da cidade. Os locais escolhidos para suas apresentações, treinos e festas é altamente simbólico. Muitas apresentações são na entrada do Edifício Costa Rangel que é o “centro comercial” da cidade, é uma clara disputa pelo espaço urbano.

Segundo Rosa (2007) a festa apesar de ter como um dos seus principais elementos a diversão e a felicidade, ela traz consigo também uma possibilidade de contestação. No caso do movimento *hip hop* isto é latente, suas festas são divertidas com muita música e dança, mas também é carregada de contestação. As letras das músicas são fortes, criticam o racismo e a discriminação social, principalmente em relação aos jovens negros e pobres das periferias do Brasil. A festa é um local de encontro de pares e também diferentes. Neste caso é importante observar que é muito comum a presença de jovens brancos de classe média nos eventos de *hip hop*, e apesar de raro, existem até mesmo alguns que fazem parte de grupos.

3 O HIP HOP INVADE A CENA DA CIDADE E DO LAZER

3.1 A onda hip hop: o estilo que vem da periferia

A cultura hip hop é um estilo que nasce nas periferias dos grandes centros urbanos, seu contexto social é o *apartheid social* em que se encontram, principalmente, os jovens negros americanos. O panorama político, social e econômico que precedem o surgimento desta cultura são sombrios: a crise do petróleo, o fortalecimento do neoliberalismo e o desmantelamento do estado de *bem estar social*. O que vem a seguir é uma crise sem precedentes na história do capitalismo momento em que explodem as taxas de desemprego e a renda do trabalhador. Segundo Rose (1997,p192)

“Seus primeiros participantes vieram da era de uma grande sociedade, do crepúsculo da América no qual se vivenciou, por um curto período de tempo, anterior a era Bush-Reagan, um compromisso federal com os direitos dos negros. No hip hop essas partes, pessoas e instituições sociais abandonadas forma fundidas e, depois, recuperadas não só como fonte de sobrevivência mas como fonte de prazer”.

Apesar de não haver um consenso sobre a exata origem do hip hop pesquisadores como, Tricia Rose, Juarez Dayrell, Micael Herschman e Hermano Vianna, trabalham com a hipótese de seu surgimento ter ocorrido nos bairros pobres de maioria negra de Nova York. Outras vertentes deslocam o surgimento para a Jamaica, segundo estes teóricos o hip hop nasce na Jamaica e é levado pelos imigrantes negros deste país para os bairros pobres dos Estados Unidos, e dali a uma amplificação deste movimento para o resto do mundo.

O movimento hip hop é uma fusão de vários elementos, e seu percussor é o rap – palavra formada pelas iniciais da expressão *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), que junto com a linguagem da dança (o break) e das artes plásticas (o grafite) seria difundido para além doas guetos americanos e alcançaria os jovens de quase todo o mundo. Segundo Dayrell (2001,p.39)

“o rap remonta a tradição oral da diáspora africana, estabelecendo conexões com a sonoridade africana baseada no ritmo. Mas suas raízes também devem ser buscadas no *soul*, uma junção do *Blues*, uma música profana, com o *gospel*, música protestante negra.”

É importante lembrar que o *soul* desempenhou um importante papel na história das lutas civis pelos direitos dos negros americanos. Este ritmo tornou-se um hino dos movimentos civis e a trilha sonora que embalou o sonho de milhões de pessoas, não só nos Estados Unidos, mas em quase todo o mundo.

O rap, na verdade, é um gênero musical que possibilitou uma feliz junção da tradição ancestral africana com uma moderna tecnologia, produzindo uma narrativa de críticas das mazelas sociais nos guetos negros urbanos. Os primeiros cenários do rap foram as ruas do Bronx em Nova York, essas ruas se tornaram verdadeiras discotecas ao ar livre, nelas os jovens pobres encontraram uma possibilidade de vivenciar o lazer. Os DJ (Disk Jockey) surgiram simultaneamente, com caixas de som improvisadas nos postes, eles passaram a comandar as festas nas ruas. Eles utilizavam os discos de vinil e desenvolveram várias técnicas do novo mercado eletrônico que surgia e as incorporaram ao novo movimento, o hip hop. Segundo Tricia Rose, os primeiros e mais importantes DJ's foram o jamaicano Clive Campbell que introduziu o "sound system" e mais tarde o seu discípulo Grand Master Flash que elaborou a técnica do *scratch*². Com esses instrumentos e recursos disponíveis os jovens realizavam as suas "Festas de Ruas" que começaram a reunir cada vez mais um grande número de jovens. Nestas festas os DJ's emprestavam os microfones para os jovens para que estes pudessem improvisar seus discursos acompanhando o ritmo da música, estes modernos "repentistas" passaram a serem chamados de MCs (Mestres de Cerimônia).

Segundo Herschmann(2000,p.200)

"Tanto o grafite e a dança quanto o rap compõem o mundo do hip hop e estão centrados em três conceitos: o de fluxo, o da estratificação e o de rupturas sucessivas. No hip hop, as linhas visuais, físicas, musicais e líricas compreendem movimentos, interrompidos bruscamente por cortes certos e angulares que o sustentam através e da fluidez".

No grafite, por exemplo, as letras são longas e sinuosas, elas são escritas em itálico sugerindo movimentos de ida e vinda. As letras possuem sombreamento duplo e às vezes triplos sugerindo sempre um movimento circular.

² O *scratch* consiste na obtenção de sons, girando manualmente o disco sob a agulha em sentido contrário, assim produzem-se efeitos sonoros de ficção e quebras de ritmo.

Um outro elemento do hip hop é o Break, uma dança de rua caracterizada por movimentos de ruptura corporal, as chamadas “quebras”. O break é também caracterizado por movimentos acrobáticos de pulos e saltos, possibilitando a forma de um estilo harmonioso. O break, como todos os outros elementos incorporados ao hip hop tem também o seu contexto. E este contexto, como os dos outros, está ligado a luta pelos direitos civis, a discriminação aos negros, as desigualdades sociais e também as lutas pelos jovens ao direito do acesso ao lazer. Atribui-se a *África Banbaataa* a transposição da dança para a cultura hip hop. Na realidade, esta dança já era muito popular entre os jovens do Bronx. Ao fundar uma organização de cunho pacifista, a *Zulu Nation*, *Banbaataa* buscou deslocar os conflitos entre as gangues jovens – que assolavam os bairros pobres de maioria negra de Nova York- para as disputas simbólicas entre os dançarinos de break. Essas disputas são conhecidas no Brasil como “rachas”, ou “batalhas”. Elas são realizadas de diversas maneiras: individuais, quando um dançarino desafia outro, às vezes são feitas em duplas, o que mais comum, ou também em grupos maiores.

O break é um dos importantes elementos que compõem o movimento hip hop, para Herschmann (2000,p.201):

“A dança break desloca os fluxos e as rupturas sucessivas. Os pulos e os imobilismos são movimentos a partir dos quais as articulações são golpeadas bruscamente por posições angulares. Dessa forma esses movimentos bruscos acontecem em uma parte da articulação após um movimento prévio. De fato, os dançarinos de break podem repassar a força da energia dos saltos para trás e para frente entre eles, através do contato entre os dedos, perfazendo uma espécie de onda. Os breakers dublam os movimentos uns dos outros, como o sombreamento e a estratificação do grafite, entretecendo seus corpos em formas elaboradas e transformando-os em uma nova entidade”.

Os movimentos dos dançarinos são variados e rápidos, a música de rap ao fundo dita o ritmo, as “batalhas” são realizadas nas chamadas “rodas”, onde a torcida e outros dançarinos fazem um círculo para torcerem e incentivarem os participantes. A galera que acompanha as “roda de break” fazem muito barulho gritam, cantam e batem palmas para incentivarem os dançarinos. Muitas vezes, principalmente, nos finais das disputas, todos os jovens que torciam entram na roda e finalizam com uma grande algazarra.

Quando se vê uma roda de break, fica mais fácil entender as idéias de *África Banbaataa*, quando este buscou incorporar o break ao movimento hip hop. Transportar a disputa física e a violência das ruas para o campo das disputas simbólicas foi um grande trunfo do hip hop. Se um desavisado passar pela rua e ver uma “batalha” de break sem saber do que se trata, com certeza poderá achar que se trata de uma briga ou guerra de gangues. Mas, a questão é que, numa “batalha” de break, a arte tenta imitar a vida dura das ruas.

O grafite - que são as artes plásticas do hip hop - tem o seu contexto de surgimento nos anos 70 com a cidade de Nova York como cenário. Mas nesse caso, o cenário de apropriação do espaço urbano não se dará diretamente nas periferias, mas através de assinaturas. Essas “assinaturas” são conhecidas como “tags”, são letras assinadas e inscritas individualmente ou por coletivos de jovens em muros, trens e estações de metrô. Essas assinaturas são feitas com a utilização de sprays, e daquela época aos nossos dias houve uma grande transformação do grafite. No início eram apenas as “tags” que eram inscritas, principalmente, nos muros onde corriam por toda a cidade para marcar seus espaços para além das fronteiras das periferias, as “tags” tomaram a cidade de assalto. Todavia, o grafite foi ganhando ao longo do tempo uma estética própria se ligando ao contexto hip hop. Aos poucos o grafite como arte foi ficando mais complexo. Foram criadas letras especiais, novos desenhos e também variados símbolos. Hoje o grafite ganhou reconhecimento e entrou inclusive para as grandes galerias de artes, grandes marcas contratam grafiteiros para criar seus símbolos e suas artes. Apesar de tudo, o grafite ainda continua sendo um importante elemento do hip hop e um forte instrumento de denuncia e inclusão social. Talvez, umas das principais marcas do grafite seja o seu potencial em dar visibilidade aos jovens das periferias, numa cidade em que insiste em ignorá-los, isso significa muito.

Assim, observamos que a linguagem hip hop possui quatro elementos, o rap cantado pelos MCs, os dançarinos conhecidos por Bboy ou Bgirl, as artes plásticas representado pelos grafiteiros e os comandantes das festas os DJs. Esses elementos dão base a cultura hip hop, uma cultura criada, elaborada e re-elaborada por jovens pobres, jovens que passaram a ter através do hip hop o seu próprio canal de comunicação entre eles e também com o mundo. Neste sentido, Rose (1997,p.193) descreve como tudo isso ocorreu:

“O hip hop duplicou e reinventou a experiência da vida urbana e apropriou-se, simbolicamente, do espaço urbano por meio do sampleado, da postura, da dança, do estilo e dos efeitos do som. A fala sobre metrô, grupos e turmas, barulho urbano, economia estagnada, sinais estáticos e cruzados surgiram nas canções, nos temas e no som do hip hop. Os artistas grafitaram murais e *logos* nos trens, nos caminhões e nos parques reivindicando seus territórios, e inscrevendo sua outra e contida identidade na propriedade pública.”

Sobre os dançarinos, DJ's e rappers continua a autora:

“ Os primeiros dançarinos do break, inspirados na tecnologia, elaboraram suas danças nas esquinas das ruas junto a blocos de concretos e placas e fizeram com que as ruas se tornassem teatros e centros provisórios para a juventude. (...) Os DJs, que espontaneamente iniciaram as festas nas ruas ao adaptar mesas de som e alto-falantes provisórios nos postes de luz, revisaram o uso central das vias públicas ao transformá-las em centros comunitários livres. Os rappers de apoderaram dos microfones e os usaram como se a amplificação fosse uma fonte de vida. (...) O hip hop tentou negociar as condições da nova economia e tecnologia, bem como das novas formas de expressão de raça, gênero e classe.”

Portanto, a gênese do hip hop está diretamente ligado ao contexto urbano – industrial americano e suas profundas transformações, principalmente a partir da década de 70. O crescimento das redes multinacionais e das telecomunicações, a ampliação da competição internacional e a nova divisão internacional do trabalho amplificaram a pauperização dos segmentos mais excluídos das populações. Todos esses elementos e fatores se fundirão para a formatação, dentro de um caldeirão cultural, desse novo elemento da cultura contemporânea, o hip hop.

3.2 O contexto do surgimento do hip hop no Brasil

Mas, este mesmo hip hop que nasce dos guetos negros americanos também tem todo um contexto de surgimento e fortalecimento no Brasil. Para Yúdice (1997,p.27)

“o caldeirão cultural deste país de 150 milhões de habitantes desfez-se rapidamente nas águas do legado de uma ditadura militar da década de 70 e no interminável processo de transição democrática dos anos 80 e 90. O maior indício dessa mudança é a diversificação da cultura jovem, que pouco se assemelha às práticas culturais que supostamente reinventaram seus pais e avós”.

O processo de re-democratização do Brasil não representou para a grande maioria dos jovens, oriundos das camadas populares, uma possibilidade de mobilidade social. Paradoxalmente, será nos períodos dos anos 80 e 90 que acontecerá uma ampliação no processo de marginalização dos jovens pobres. Este período foi de forte recessão e aumento da inflação e do desemprego. Será também a partir da década de 80 que o Brasil verá explodir a violência urbana, violência que se fez aumentar nas décadas posteriores.

A indústria cinematográfica deste período realiza filmes, como “Pixote: a lei do mais fraco” e “Cidade de Deus” que são emblemáticos para o entendimento desta violência. O Primeiro apresenta o cenário da infância abandonada e sem perspectivas do início da década de 80. Já o segundo narra historicamente o surgimento de uma das maiores favelas do Brasil e mostra como que, a partir, da década 90 explode a violência urbana juvenil. Depois destes filmes não será mais possível negar, principalmente, os conflitos de classes e raciais do Brasil. A imagem de um país pacífico e sem conflitos desaguou no sangue das chacinas, dos arrastões e dos milhares e milhares de assassinatos que nos iguala a um país em guerra. Na nova realidade brasileira, passaram a ser cenas comuns: as gangues de rua, os comandos do narcotráfico e as chacinas rotineiras nos finais de semana das periferias.

Também por meio da música podemos perceber o acirramento dos conflitos e a efervescência da violência, como na letra da música “Rio 40 graus” de Fernanda Abreu.

Rio 40 graus
Fernanda Abreu

Rio 40 graus, cidade maravilha purgatório da beleza e do caos
Capital do sangue quente do Brasil
Capital do sangue quente do Brasil do melhor e do pior do Brasil
Cidade sangue quente, maravilha mutante
Quem é dono desse beco? Quem é dono dessa rua?
De quem é esse edifício? De quem é esse lugar?
É meu esse lugar, sou carioca, pô. Eu quero meu crachá
A novidade cultural da garotada favelada, suburbana, classe média marginal
É informática metralha. Sub-uzi equipadinha com cartucho musical
De batusca digital. De marcação invocação
Pra gritaria da torcida da galera funk
Pra gritaria da galera samba. Pra gritaria da torcida da galera tiroteio
De marcação invocação (...)

A letra desta música, como tantas outras, revelam que os jovens pobres suburbanos passaram a disputar a propriedade do espaço urbano com os “não marginais” de classe média reclamando para eles este território. Para Yúdice (1997,p.27)

“ Por meio das músicas novas e nada tradicionais como o funk e o hip hop, os jovens procuram estabelecer novas formas de identidade desvinculadas das proclamadas premissas do Brasil como uma nação sem diversidades conflitantes. Ao contrário a música é sobre desarticulação da identidade nacional e do cidadão local.”

A idéia de um Brasil cordial em que as classes sociais, brancos, negros e pardos viviam em harmonia, sem conflitos sociais parece não resistir aos novos arranjos culturais juvenis.

É sobre os escombros da ditadura militar e do novo – e interminável – processo de redemocratização do Brasil que irá se consolidar uma cultura hip hop. Neste país de contrastes marcantes, responsável por uma das maiores concentrações de renda do mundo. Num país que viu as taxas de desemprego subir ano após ano e por seguinte a renda do trabalhador despencar. O jovem brasileiro não estava imune aos fatos, pelo contrário, ele foi atingido em cheio. As taxas de desempregos que já eram altas, no setor juvenil, eram maiores ainda. As taxas de violência que explodiram a partir da década de 80, viram principalmente, os jovens como as principais autores e vítimas de homicídios. A juventude estava neste turbilhão.

Para entendermos melhor o surgimento da cultura hip hop no Brasil é importante compreender o contexto social, econômico, cultural e político e as profundas transformações da sociedade brasileira a partir da década de 80. Nicolau Sevcenko (2002,p.65) em excelente artigo nos ajuda:

“ Em São Paulo, onde explode a cultura hip hop nacional alavancada pelos Racionais MCs, a polarização entre os extremos irá adquirir uma visibilidade bizarra. De um lado, uma legião de motoboys que cresce assustadoramente a cada dia e, do outro, uma concentração de helicópteros, uma das maiores do mundo.”

Ainda segundo Sevcenko (2002,p.65)

“ A consolidação de uma cultura hip hop demonstra o óbvio fracasso da elite brasileira em resgatar, falar ou querer representar os excluídos. O hip hop se tornou um canal através do qual os grupos subalternos falam por si mesmos e definem a sua própria agenda, dispensando a intermediação ou paternalismo das elites.”

Assim, estes jovens periféricos passam a definir e organizar suas próprias agendas de reivindicações. Sendo que, um dos principais pontos será o acesso ao lazer. Em seus bairros periféricos ou nas favelas onde residem existem poucos espaços e equipamentos de lazer.

Segundo Marcelino (2006,p.66) “ o espaço para o lazer é o espaço urbano. As cidades são os grandes equipamentos de lazer”. Mas ele ressalta que a maioria dos equipamentos de lazer estão centralizados, ou mesmo, sua utilização é na maioria das vezes para um público segmentado.

Não dispondo dos equipamentos de lazer os jovens da cultura hip hop passaram a criar em seus espaços sua nova forma de lazer. Nos muros grafitam suas imagens, nas esquinas dançam break, nas porta de suas casas com os amigos compõe suas músicas. Eles também desenvolvem as chamadas posses que agitam bastante os finais de semana nas periferias.

As “posses” são um conjunto de ações desenvolvidas pelos coletivos dos grupos de hip hop. Podem ser duplas de break, cantores de rap, grafiteiros e DJs. Elas são marcadas em diferentes datas, por um grupo de determinada região, neste período, do intervalo da data marcada até o início do evento, cada grupo “apronta a sua correria”. A correria consiste nos ensaios para as apresentações no evento, os grupos mais próximos também auxiliam o grupo que está organizando as atividades. Durante minha participação no Observatório da Juventude da UFGMG, e na pesquisa de campo pude acompanhar vários eventos. E neles, pude observar que o evento em si, geralmente dura um dia todo, é comum também um evento começar na sexta-feira à noite e terminar no domingo. Os eventos em sua maioria são também grandes ações sociais, nelas os jovens arrecadam peças de vestuários, alimentos e outros utensílios para as famílias mais carentes da comunidade.

Outro aspecto interessante é quanto a democratização na participação nestas festas. Geralmente o grupo organizador convida as “posses” mais próximas ou mais “chegadas”, e estas ficam responsáveis por convidar outras formando uma grande rede. Em função destes eventos, as “posses” cresceram bastante nos últimos anos, estas não ficam mais restritas as regiões ou bairros próximos, em quase todas, grupos de outras cidades e estados participam e se envolvem na organização das atividades.

Segundo Stoppa (2005,p.45)

“ A “posse” é o espaço de organização mais característico do movimento, funcionado como local de agregação dos grupos de rap. É a partir delas que as redes de relações entre esses grupos estabelecem-se, e a política de intervenção no espaço da rua caracteriza-se”.

Assim este espaço tem a função de desenvolver atividades artísticas com os membros do grupo realizando ensaios, e agendando palestras em escolas e ONGS. As “posses” incrementam e agregam uma dinamicidade aos grupos de hip hop, são responsáveis também por uma aproximação entre os integrantes do movimento e os jovens das cidades onde elas ocorrem.

Neste sentido Stoppa observa que estes espaços estabelecidos pelas “posses” funcionam como locais privilegiados para as vivências e estabelecimento de relações sociais. Assim diz o autor (2005,p.46)

“No hip hop, é na realização das vivências de lazer na comunidade, como bailes, festas de rua, de salão ou de fundo de quintal, que acontecem as novas formas de sociabilidades, novas formas que privilegiam o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social, um sentimento de identidade coletiva, de estar entre iguais”.

Uma outra interessante possibilidade de leitura das “posses” são os conceitos desenvolvidos por Magnani (2007,p.20), são três os principais: “manchas”, “trajetos” e “circuitos”, estes espaços são característicos dos meios urbanos, onde se estabelecem as redes de sociabilidade. Nestes espaços, os territórios são estabelecidos por marcas exclusivas. De acordo com o autor, quando jovens da periferia saem de seus bairros distantes para dançarem no centro da cidade, eles não irão apenas dançar, mas encontrar amigos e pessoas, para exercitarem o código de pertencimento ao grupo. É desta forma que as redes de sociabilidade vão se tecendo.

3.3 A periferia, o hip hop e as práticas de lazer

***Periferia é periferia
Racionais MCs***

*Este lugar é um pesadelo periférico
 Fica no pico numérico de população
 De dia a pivetada a caminho da escola
 À noite vão dormir enquanto os manos "decola"
 Na farinha... hã! Na pedra... hã!
 Usando droga de monte, que merda! há!
 Eu sinto pena da família desses cara!
 Eu sinto pena, ele quer mas ele não pára!
 Um exemplo muito ruim pros moleque.
 Pra começar é rapidinho e não tem breque.
 Herdeiro de mais alguma Dona Maria
 Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria!
 Fodeu, o chefe da casa, trabalha e nunca está
 Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
 O trabalho ocupa todo o seu tempo
 Hora extra é necessário pro alimento
 Uns reais a mais no salário, esmola do patrão
 Cusão milionário!
 Ser escravo do dinheiro é isso, fulano!
 360 dias por ano sem plano.
 Se a escravidão acabar pra você
 Vai viver de quem? Vai viver de quê?
 O sistema manipula sem ninguém saber.
 A lavagem cerebral te fez esquecer.
 que andar com as próprias pernas não é difícil.
 Mais fácil se entregar, se omitir.
 Nas ruas áridas da selva.
 Eu já vi lágrimas demais,
 o bastante pra um filme de guerra!
 Refrão (3x)
 "Aqui a visão já não é tão bela
 Se existe outro lugar.
 Periferia é periferia."
 Um mano me disse que quando chegou aqui
 Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí
 Outro maluco disse que ainda é embaçado
 Quem não morreu, tá preso sossegado.
 Quem se casou, quer criar o seu pivete ou não.
 Cachimbar e ficar doido igual moleque, então.
 A covardia dobra a esquina e mora ali.
 Lei do Cão, Lei da Selva, hã...
 Hora de subir!
 "Mano, que treta, mano! Moó treta, você viu?
 Roubaram o dinheiro daquele tio!"*

*Que se esforça sol a sol, sem descansar!
Nossa Senhora o ilumine, nada vai faltar.*

*Muita pobreza, estoura violência!
Nossa raça está morrendo.
Não me diga que está tudo bem!
Vi só de alguns anos pra cá, pode acreditar.
Já foi bastante pra me preocupar.
Com dois filhos, periferia é tudo igual.
Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal.
Ultimamente, andam os doidos pela rua.
Loucos na fissura, te estranham na loucura.
Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano!
Roubar é mais fácil que tramar, mano!
É complicado.
O vício tem dois lados.
Depende disso ou daquilo, tá tudo errado.
Eu não vou ficar do lado de ninguém, por que?
Quem vendia droga pra quem? Hã!
Vem pra cá de avião ou pelo porto ou cais.
Não conheço pobre dono de aeroporto e mais.
Fico triste por saber e ver
Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você.
Periferia é periferia.
Periferia é periferia.
"Milhares de casas amontoadas"
Periferia é periferia.
"Vacilou, ficou pequeno. Pode acreditar"
Periferia é periferia.
"Em qualquer lugar. Gente pobre"
Periferia é periferia.
"Vários botecos abertos. Várias escolas vazias."
Periferia é periferia.
"E a maioria por aqui se parece comigo"
Periferia é periferia.
"Mães chorando. Irmãos se matando. Até quando?"
Periferia é periferia.
"Em qualquer lugar. É gente pobre."
Periferia é periferia.
"Aqui, meu irmão, é cada um por si"
Periferia é periferia.
"Molecada sem futuro eu já consigo ver"
Periferia é periferia.
"Aliados, drogados, então..."
Periferia é periferia.
"Escute o meu recado. Deixe o crack de lado"*

A música “Periferia é periferia” do Grupo de rap Racionais MCs traz uma visão obscura sobre o cotidiano dos moradores das periferias brasileiras. A explosão da

violência e o aumento no uso de drogas são os principais assuntos que encontramos nas letras. Mas também, outros temas não podem deixar de serem destacados, como a do trabalhador que sai de manhã, quando ninguém o vê sair, e chega à noite quando ninguém o escuta chegando. Esta fala nos remete a vida dura e árdua dos trabalhadores e trabalhadoras da periferia que em sua maioria trabalham em empregos com baixa remuneração e com extensa jornada de trabalho. A noção do que é periferia nas letras das músicas de rap sempre remete a pobreza, violência e exclusão social.

Em estudo sobre segregação espacial e violência em São Paulo Caldeira (2000,p.228) observa que:

“ os pobres viviam nas periferias, em bairros precários e em casas autoconstruídas: a classe média e alta viviam em bairros bem equipados e centrais, uma porção significativa delas em prédio de apartamentos. O sonho da elite da República Velha estava realizado, a maioria era proprietária da casa própria e os pobres estavam fora do seu caminho”.

O processo histórico das periferias no Brasil, teve início, a partir do fim da escravidão e com o início da República. Podemos dizer que as primeiras periferias ficaram conhecidas como “favelas” instaladas nos morros do Rio de Janeiro. O processo de ampliação das periferias tomará fôlego com a industrialização do Brasil. E será a partir da década de 60 que as periferias e favelas irão dar um salto impressionante, principalmente, nas Regiões Metropolitanas de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador. Para a autora, a periferia tem suas características que a definem como um lugar distante do centro da cidade, onde há poucos serviços básicos a população, onde os serviços oferecidos pelo poder público são precários ou mesmo inexistentes. Sua população é composta por trabalhadores em sua grande maioria sem qualificação e com baixa renda e escolaridade. Portanto, a referência não é apenas geográfica, pois além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura urbana.

Sem dúvida, todos os aspectos levantados acima nos remete a essa idéia de periferia. Mas estes não são suficientes e não dão conta da dimensão do termo periferia. Em estudo sobre a relação do hip hop com a periferia Guasco (2000) observou que para os jovens integrantes do movimento hip hop ser da periferia é, antes de tudo, se ver e ser visto como da periferia. Portanto deve haver uma identificação.

Em pesquisa na Região Metropolitana de Belo Horizonte pude observar que “ A apropriação do termo periferia seria resultado de uma identificação, em que os jovens muitas vezes lançariam mão da referência ao termo *pobre*, para se identificar com o de *periferia*” Gontijo (2004,p.22). Nas narrativas das músicas de rap a construção da identidade em torno do termo periferia seria acompanhada por três eixos principais: ser pobre, ser negro ser da periferia.

Então, ser da periferia pode significar que moro em uma favela, ou mesmo no centro da cidade, por exemplo. Aqui para os jovens integrantes do movimento hip hop a identificação se dá por uma espécie de “espelho” é necessário ver no outro atributos e características que os aproxime. Se o outro mora no centro, mas, é pobre, logo pode se reconhecer e ser reconhecido como da periferia.

Para Guasco (2000,p.80) “Essa semelhança não é gratuita, pois o rap é um dos maiores responsáveis pela sedimentação de uma identidade de periferia, que atualmente parece substituir num grau mais acentuado o que teria sido para outras gerações a identidade de pobre”. Assim, ser pobre, negro pode ser sinônimo de periferia para os integrantes do movimento hip hop, e esta relação, é essencial para a constituição da identidade desses sujeitos. Neste sentido vejamos:

“Há, por outro lado, um conjunto de idéias e de normas de conduta a partir dos quais eles são cobrados de forma muito mais séria e decisiva. Vez por outra, isso pode deixar alguém numa posição delicada em que mesmo fazendo rap, o indivíduo não seja aceito como um rapper ou entre os rappers. Nesse sentido, a legitimidade com a qual a identidade se estabelece torna-se fundamental para que um rapper possa fazer, quando defender-se das críticas, podendo inclusive passar ileso a elas, mesmo que fugindo ao padrão geral em algum sentido”. Guasco (2000,p.82)

Um caso emblemático para exemplificar este contexto, é a situação vivenciada pelo músico Gabriel, O Pensador. Ele se considera um rapper, e inclusive a grande mídia o chama de rapper. Mas dentro do movimento hip hop ele não é aceito como um rapper. Gabriel, O Pensador é um jovem branco, de classe média alta e mora em um bairro nobre do Rio de Janeiro. Portanto, para os integrantes do movimento hip hop ele não possui nenhuma característica que o credenciaria a ser um integrante do movimento, ou seja, ser pobre, ser negro ou ser da periferia. O que nos chama mais atenção neste caso, é que os integrantes do hip hop associa a figura de Gabriel, O

Pensador com o poder, enquanto a identidade de um integrante do movimento é o seu contrário, ou seja, do sujeito que é oprimido pelos poderosos.

De toda forma, quando voltamos a letra da música “Periferia” outro aspecto chama a atenção, a preocupação com o espaço urbano e a falta de alternativas de lazer para os moradores, principalmente os jovens. Alguns recortes da letra torna possível observar esta preocupação, vejamos: “Aqui a visão já não é tão bela, Se existe outro lugar, periferia é periferia”; “Nas ruas áridas da selva, eu já vi lágrimas demais, o bastante para um filme de guerra”; “Milhares de casas amontoadas”; “Em qualquer lugar. Gente pobre”; “Vários botecos abertos. Várias escolas vazias.”. Enfim, a música retrata de maneira geral o contexto de abandono, e a precariedade das periferias por esse Brasil.

A precariedade dos equipamentos e serviços de lazer nessas áreas aliados a diversos outros fatores, como: baixa renda, questões culturais e de valores, dificuldade no transporte e locomoção para as áreas centrais, tempo reduzido dificultam a vivência de práticas de lazer para a população mais pobre. Segundo Marcelino (2006,p.67) as principais causas seriam a falta de planejamento urbano e a exclusão da população pobre. Assim:

“Verifica-se uma série de descompassos em relação ao espaço para o lazer. O crescimento de nossas cidades é relativamente recente, caracterizando-se pela aceleração e imediatismo. O aumento da população urbana, agravado pelo êxodo rural e pelas migrações das cidades menores para aquelas que se constituem em pólos de atração, não foi acompanhado no que se refere a habitação e serviços urbanos, gerando desníveis na ocupação do solo e diferenciando marcadamente, de um lado as áreas centrais, concentradoras de benefícios, e de outro, a periferia, verdadeiro depósito de habitações”.

Constata-se, que a centralização dos equipamento específicos (teatros, quadras poliesportivas, cinemas etc) e serviços de lazer no espaço urbano, acabam por, gerar um efeito de levar os mais pobres a usarem os equipamentos de lazer não-específicos, como bares, o lar e escolas. O aumento do uso dos equipamentos de lazer não-específicos, principalmente, por parte da população pobre das periferias, tem ligação direta a distância centro-periferia como também ao tempo. Como é relatado na letra da música “Periferia é periferia”, que o “chefe da casa, trabalha e nunca está; Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar; O trabalho ocupa todo o seu tempo”. O fator trabalho, tempo e distância é um importante definidor do acesso ao lazer, segundo Marcelino (2006,p.68)

“As grandes distâncias entre os locais de trabalho e moradias obrigam a grande massa de trabalhadores a despender uma parcela razoável do seu tempo diário na locomoção, muitas vezes saindo e voltando a suas casas sem ver a luz do sol. Nas grandes concentrações urbanas já é comum a existência de cidades-satélites, também chamadas de dormitórios, cuja principal razão de ser é dar o descanso necessário – sono – à mão-de-obra que alimentará o ritmo da produção no dia seguinte”.

Neste sentido, o autor nos alerta que para a análise do espaço é preciso que se considere o tempo, pois, há uma interface entre eles. Portanto, para analisar aspectos referentes ao espaço urbano periferia deve-se levar em conta a variável tempo. O fato do trabalhador perder horas e horas em sua locomoção, isto trará enormes prejuízos a sua qualidade de vida, e por seguinte ao acesso ao lazer. Em pesquisa com jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte³, observamos que pegar um ônibus para um bairro distante, principalmente no horário de pico, pode se tornar uma “pequena aventura”:

“Pegar o ônibus para o Icaívera, às vezes, pode ser uma tarefa nada fácil, principalmente se o horário for entre as dezoito e dezenove horas. Em uma de minhas visitas ao grupo DMHC (Defensores do Movimento Hip Hop de Contagem), no bairro Icaívera, ficou claro a dificuldade que é morar em um bairro distante. Iria pegar o metrô até a estação do Eldorado, onde pegaria um ônibus direto para o Icaívera. Mas o metrô estava de greve neste dia. Então tive que pegar um ônibus em um ponto na Gameleira. Neste dia então, fiquei por volta de uma hora no ponto, o primeiro ônibus passou direto, estava completamente lotado. O segundo parou, mas parecia que não caberia mais ninguém dentro do ônibus. As pessoas se aglomeravam na porta do ônibus numa verdadeira batalha para entrar. Não tive outra opção, entrei na “batalha”, pois se perdesse esse ônibus, só por volta de quarenta minutos passaria outro. Dentro do ônibus, praticamente não se consegui mexer e muito menos se locomover”. Gontijo (2004,p.32)

Analisado a situação do transporte público para as camadas mais pobres e residentes em periferias das cidades, concordamos com Marcelino (2006,p.69) quando esse afirma que:

“Ao ser submetida a lógica do lucro a cidade é rebaixada de obra (valor de uso e fruição) a produto para o consumo (instrumento do valor de troca) , e o espaço tempo passam a ser considerados como itens de produção – mercadorias.”

³ Participando desta pesquisa que foi realizada pelo Observatório da Juventude da UFMG, foi importante observar o quanto o transporte público é importante para os jovens da periferia. O valor do transporte pesa muito em seus orçamentos. Pude constatar que é muito comum eles andarem horas a pé para ir a uma balada ou para procurar um emprego.

Infelizmente, as políticas de transporte, principalmente, nas Regiões Metropolitanas estão voltadas para o transportes do trabalhador. A circulação do transporte público favorece, ou mesmo é pensado quase que exclusivamente, para a mobilidade do trabalhador, da mão-de-obra, que irá favorecer o capital. A maior parte da circulação dos meios de transportes públicos ocorrem no chamado horário comercial.

No caso dos ônibus urbanos, este fato ficou muito claro. A maior parte dos ônibus circulam nos horários da manhã onde o trabalhador irá chegar ao serviço, e no final da tarde onde a pessoa retorna para a casa. Nos finais de semana quando o cidadão está de folga a circulação dos ônibus diminuem de forma acentuada. E mais, é comum alguns ônibus não circularem nos finais de semana. Essa política das empresas de transporte e dos governos municipais deixam claro que a política de transporte das cidades visam atender prioritariamente os detentores dos meios de produção.

Essa política de transporte dificulta o acesso aos equipamentos e serviços de lazer para a população pobre. Contudo, não podemos apenas considerar a rotina de horários do transporte, os preços cobrados pesam ainda mais para os moradores das periferias. Se deslocar para o centro da cidade, ou para outro bairro, pode significar o uso de quatro conduções, visto que, é comum não haver ônibus direto para o local desejado. No caso dos jovens a situação é ainda mais delicada visto que muitos ainda não entraram no mercado de trabalho e ainda não possuem renda.

Muitas vezes o jovem que mora nas periferias não consegue se deslocar para o centro nem mesmo para procurar emprego. Conversando com os jovens do movimento hip hop eles nos relataram este problema, os integrantes do DMHC, por exemplo, já disseram que é comum irem do Bairro Icaívera – periferia de Contagem - ao centro de Belo Horizonte a pé, um percurso que dura várias horas. Com os jovens do hip hop de Divinópolis, não é diferente, o transporte pesa muito, e muitas vezes são obrigados a se deslocar a pé por falta de dinheiro. É comum também encontrar nesses bairros crianças e adolescentes que nunca foram ao centro da cidade, vivem praticamente enclausurados em seus bairros.

4 O GRUPO MAQUIAVÉLICOS CREW E A BATALHA PELO LAZER

4.1 Divinópolis, do centro a periferia.

Divinópolis localiza-se no centro-oeste de Minas Gerais, onde também é conhecida por “Princesinha do Oeste” devido a sua importância econômica na região. A cidade possui uma área relativamente pequena, são 709,73 Km², mas, por outro lado, é privilegiada, pois, é cortada por dois rios, o Pará e o Itapecerica, este último, inclusive já deu seu nome a cidade.

A cidade é próxima a capital, Belo Horizonte ficando apenas a 114 Km de distância. Segundo dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴ a população de Divinópolis seria de 213.076 habitantes. O PIB *per capita* seria de 13.902,16 em 2008, a cidade também possui uma frota considerável de veículos, entre automóveis, caminhões, ônibus e motos são cerca de 90 mil. Na área econômica a cidade se destaca principalmente nas atividades têxteis, na produção de vestuário e também no setor metalúrgico onde há dezenas de siderúrgicas de ferro gusa.

A origem de Divinópolis está ligada diretamente a história de Minas Gerais e do Brasil, pois seu passado remonta ao chamado “Ciclo do Ouro”. Este foi um dos períodos mais importantes da história do Brasil, foi na descoberta das minas de ouro e diamantes que teve início a colonização do interior do Brasil. Durante o auge do Ciclo do Ouro nos séculos XVII e XVIII as Minas Gerais receberam milhares de imigrantes. Neste período houve um grande fluxo de pessoas de diferentes regiões do Brasil – principalmente do nordeste que enfrentava uma decadência econômica - e de outros países, principalmente Portugal.

Em sua pesquisa sobre a origem e o desenvolvimento de Divinópolis, Corgozinho (2003,p.45) relata que “No séc. XVIII, a exploração das minas de ouro e a procura de pedras preciosas eram atividades econômicas importantes no interior do Brasil e ocupavam de forma preponderante a mão-de-obra existente”. Entretanto, essas regiões mineradoras não se destacavam como produtoras agrícolas e de manufaturas.

⁴ As informações citadas podem ser encontradas no site <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Essas atividades eram inclusive proibidas pelo Reino de Portugal sendo o abastecimento realizado principalmente pelos grandes centros como Rio de Janeiro.

Todavia, as atividades comerciais de abastecimento das minas iria proporcionar o surgimento de várias vilas e também os primeiros núcleos urbano-comercial como São João Del Rey e Barbacena. Com a intensificação comercial iria se ampliar as rotas de comércio, novos caminhos seriam abertos, assim:

“Por onde passavam as tropas de negociantes, ao longo dos caminhos entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde acontecia o comércio interno, foram surgindo outros pequenos pontos de abastecimentos e pouso para os viajantes”. Corgozinho (200,p.45)

Seria este fator então a razão do surgimento de Divinópolis. As margens do Rio Itapecerica em uma parte conhecida como “Cachoeira Grande” onde havia muitas pedras que facilitavam a travessia do rio é que se acomodaria os primeiros tropeiros que rumavam para as minas. Uma das primeiras denominações do município foi “Passagem do Itapecerica” o que atesta a importância estratégica desta rota para o acesso a região das minas.

Mais tarde, com o crescimento populacional houve a promoção para Arraial do Espírito Santo do Itapecerica. Mesmo assim, ainda se tratava de uma população pouco numerosa⁵, no início do século XIX ela era constituída por 1.154 habitantes com acentuada miscigenação racial. Com efeito eram 378 brancos, 242 pretos livres, 323 mulatos livres e 211 escravos. É interessante notar que a soma de dos pretos livres, mulatos livres e escravos é mais que o dobro de brancos. Mas, será essa elite branca que irá dominar a cena política e econômica até emancipação político e administrativo que irá ocorrer somente em 1912. Sem dúvida um dos principais fatores que contribuíram para a emancipação de Divinópolis e seu posterior desenvolvimento como cidade pólo-regional foi a instalação da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) que objetivava fazer a ligação da capital que nascia Belo Horizonte, e o triângulo mineiro.

Mas a estrada não levou desenvolvimento para todas as cidades que ela cortou, o que de fato impulsionou o desenvolvimento de Divinópolis foi o de tornar-se o ponto de

⁵ Os dados apresentados estão na pesquisa da professora Batistina Corgozinho (2003)

entroncamento férreo da EFOM, com o ramal vindo de Belo Horizonte rumo ao Triângulo Mineiro. Agora a região centro-oeste de Minas Gerais estaria ligada ao restante do Brasil. Mais tarde viria para a Cidade as oficinas da EFOM e a mesma EFOM passaria para o Governo Federal se transformando na Rede Ferroviária Federal (RFFSA).

Assim a cidade se desenvolveria a medida que também iria se diversificando suas atividades econômicas. Outro fator determinante para este desenvolvimento foi o planejamento urbano da cidade. Nesta época Belo Horizonte era a primeira capital no Brasil que possuía um planejamento urbano para a sua instalação, e sem dúvida iria exercer influências em outras cidades.

Assim:

“O planejamento urbano de Divinópolis, caracterizou-se pelo seu perfil geométrico retilíneo e largura das ruas e avenidas em torno de vinte a trinta metros, cortadas de forma perpendicular, formando quarteirões quadrados ou retangulares e espaço para três grandes praças. É uma organização cartesiana” Corgozinho (2003,p.88).

Esses traçados denotam a preocupação com a ocupação racional do espaço e com o desenvolvimento não apenas presente, mas também futuro da cidade. Mas a cidade foi crescendo rapidamente, recebendo pessoas de todas as regiões de Minas Gerais e também do Brasil. Com um crescimento rápido e um grande aumento populacional foi inevitável que surgissem vários bairros de periferia, afastados do centro da cidade e em sua maioria sem nenhuma infra-estrutura. Foi o caso do bairro Del Rey onde encontramos o movimento hip hop na cidade.

4.2 O bairro Del Rey como o cenário para o grupo Maquiavélicos Crew

Nas ruas de terra do Del rey mais um brasileiro
Sinto toda emoção, hoje tem futebol no campo
É bom pra mim junto com os irmãos
Deixe-me extravasar este oprimido
Maquiavélicos Crew

O Bairro Del Rey localiza-se na região Nordeste de Divinópolis, ele fica encravado na Região Industrial, onde ele foi crescendo com outros bairros. Trata-se de

um típico bairro de periferia, distante do centro da cidade, com uma infra-estrutura precária e habitada por trabalhadores, em sua maioria com pouca escolaridade. Os bairros de periferia são conseqüências do crescimento desordenado das cidades e também da política de habitação que pelo menos até 2003 privilegiou as classes médias. A população mais pobre sem condições de financiar um imóvel recorria a invasões ou compravam lotes em bairros distantes sem nenhuma infra-estrutura.

O bairro surgiu no início da década de 90 com a implementação de um conjunto habitacional, e, a partir deste conjunto o bairro e o entorno de sua região foi crescendo se amparando, principalmente, naquele mínimo de infra-estrutura existente na construção do conjunto. Mas, ao longo dos anos, mesmo que de forma lenta, as melhorias foram ocorrendo e até mesmo alguns serviços públicos chegaram. Segundo depoimento dos jovens por mim entrevistados:

Para começar não tinha água e nem luz, para a gente construir a gente tinha que bombear a água, era água da mina, e luz era luz de lampião mesmo, e vela. Alguns arrumavam uma bateria, era tudo improvisado mesmo. Rua só tinha duas ruas, o resto era trio, a gente andava aqui era nos trio. E casa era assim, eu lembro quando a gente mudou para cá tinha sete ou dez casa, não tinha mais do que isso não, e uma era longe da outra, era bem precário mesmo. Agora hoje há evolução, não é um bairro que desenvolveu bastante como outros bairros, Mas mesmo assim evoluiu porque trouxe as casa popular, agora tem o asfalto, tem o posto de saúde, tem a escola e antigamente não tinha nada disso. Para você ter idéia o ônibus vinha só até a Ferroeste. Então o ônibus não vinha aqui, de uns dez anos pra cá que ele começou a vim. (Depoimento de D’Grais: 2010)

As transformações que ocorreram no bairro são reconhecidas pelos jovens, as lembranças de uma vida ainda mais dura estão muito vivas na memória de cada um.

É como o D’Grais ta falando, tinha pouca casa, quando eu vim para cá foi as casas popular que veio acrescentar no bairro. Eu lembro até de uma parte engraçada: as casa não tinham muro ai a gente passava no terreiro do outro ao invés da gente passar na rua a gente passava era na casa do outro. A gente tava comendo, assim, e de repente, o cara passava na sua porta. Quando eu mudei também não tinha luz, depois de uma semana ou um mês mais ou menos aí chegou a luz água já tinha e a maioria do pessoal mesmo gente muito pobre. Depois o pessoal abria uma lojinha ali, fechava uma abria outra até a mercearia do Douglas foi a primeira, na época das casas que fez a loja do Douglas que é comércio mais importante aqui. É como ele falou tem posto, tem escola o asfalto chegou. Já melhorou muita coisa, mas

ainda tem muita coisa ruim, tem o esgoto a céu aberto. (Depoimento de Leandro Del Rey: 2010)

Realmente o bairro mudou muito, principalmente nos últimos oito anos, tive a oportunidade de presenciar algumas dessas transformações que ocorreram no bairro ao acompanhar os jovens durante um projeto social⁶. No olhar dos jovens, as transformações no bairro são motivo de orgulho, principalmente, pelo fato deles fazerem parte desta história.

Eu gosto de contar, por que a gente tem de olhar o passado, o cara fala assim você tem que olhar um ano atrás, eu to vivendo dez anos atrás. Inclusive a casa do meu pai, que caiu (risos) a gente passou um perrengue. A gente teve que morar numa outra casa até fazer uma outra casa de novo, e isso aconteceu não foi só comigo não, aconteceu com várias pessoas aqui. Dava chuva destelhava as casas, e hoje não. Conseqüentemente também com o governo também, de oito anos que é o governo do Lula. Conseqüentemente este governo que deu uma condição de ter uma casa melhor. Hoje tem umas casa aí, tem umas casa bonita, as pessoas tem condição de ter seu próprio veículo, carro moto, umas casa boa, de laje né mais bem estruturada. Isto vem é de oito, dez anos pra cá. Antigamente não, antigamente a situação era bem complicada. (Depoimento D’Grais: 2010)

A história do bairro se confunde e se entrelaça com as histórias de vida dos jovens. A formação do grupo remonta a adolescência quando eles se conheceram no próprio bairro. Leandro, por exemplo, se envolveu no hip hop através de outros jovens que dançavam na porta do Edifício Costa Rangel⁷. Mas foi no bairro que ele, junto com outros amigos ensaiava os primeiros passos.

No meio disso eu comecei a dançar no Costa Rangel e fui envolvendo, conhecendo outros bboys, eu comecei a viajar, fui em Itaúna. Itaúna foi uma referencia muito forte pra mim, e nesse foco do entusiasmo que eu tava, aí eu vi. E eu já conhecia o D’Grais desde pequeno, e eu, e ele, sempre tinha a mania de dançar, de quebrar, então eu vi que ele tinha o jeito pra dança. Eu comecei a chamar ele, não só ele mais outros meninos que tinha aqui também. Comecei tipo a formar uma turminha do bairro pra treinar. (Depoimento Leandro Del Rey:2010)

⁶ Projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis realizado pela FUNEDI/UEMG em parceria com a prefeitura de Divinópolis. Em 2008 o projeto venceu um edital do MINC e se tornou um Ponto de Cultura. Os Jovens que participaram desta entrevista fizeram parte do Projeto durante cerca de três anos.

⁷ O edifício Costa Rangel é o principal prédio administrativo e de serviços de Divinópolis, ele fica no coração da cidade entre as ruas Otávio Olimpio de Moraes e São Paulo. Foi ali que os primeiros integrantes do movimento hip hop da cidade se encontravam e também muitos conheceram o novo estilo. Ainda hoje o grupo Maquiavélicos ensaia seus passos e promove este espaço como um grande ponto de encontro da cultura hip hop.

A formação do grupo de dança se estabeleceu entre o grupo de amigos do bairro, o vínculo da amizade e do companheirismo são os primeiros aspectos para a agregação dos integrantes. É importante reforçar que no caso deste grupo, o envolvimento com uma determinada manifestação de lazer permitiu a constituição de grupos de amizade, fato referenciado por Dayrell:

“Uma série de estudos sinalizam que o grupo de pares, o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil das camadas populares, sendo em torno destas atividades que se desenvolvem preferencialmente as relações de sociabilidade e a busca de novas referências na estruturação de identidades individuais e coletivas”. (2000,p.138)

No caso dos jovens pesquisados eles relatam que as amizades e o contato com outros jovens se dão nas festas, nos encontros, nas posses e nos ensaios do grupo.

O grupo Maquiavélicos Crew é formado por três integrantes Leandro Del Rey (LDR) 31 anos, D' Grois 29 anos e Sem Nome 16 anos. A base sólida do grupo é formada pelos dois primeiros que são os fundadores, outros diversos jovens já participaram do grupo, mas geralmente não permanecem muito tempo. O nome do grupo segundo os jovens se deve, principalmente, a D' Grois. Este sempre que se referia a um determinado fato - fosse ele positivo ou negativo - sempre dizia “aquilo é maquiavélico”, já o termo crew, significa turma em inglês, ou seja, a turma dos maquiavélicos.

Então isso tudo começou no hip hop. Tem também as amizades. Fora assim as amizades, gente que a gente conhece do Brasil inteiro, as viagens. Eu não conhecia São Paulo, lugar nenhum, aí eu fiquei conhecendo bastante coisa. A amizade boa que tem eu e o Leandro, o Luiz também. O hip hop ela preza essa amizade, onde a gente tá treinando é um lugar aberto tudo mundo que passa pega na mão, é uma cultura que preza essa amizade. (Depoimento D'Grois: 2010)

Na pesquisa de campo foi possível observar que os jovens que integram o grupo cultural possuem uma mobilidade espacial muito significativa. Fica bastante claro que esses jovens pertencentes ao grupo, se deslocam pela cidade e fora dela com maior intensidade que os demais jovens. Em suas falas fica evidente o valor que se dá a viagens e mesmo a participação em eventos em outras localidades. A participação em eventos dá um significado especial a suas rotinas, quando o evento se aproxima os treinos se intensificam e a ansiedade aumenta.

O cotidiano do bairro Del Rey é bastante simples, como na maioria dos bairros de periferia do Brasil. O bairro não possui nenhum equipamento específico de lazer, há apenas uma escola pública do ensino fundamental, e esta, como a maioria das escolas das periferias do Brasil, possui uma edificação muito simples. No bairro não há praças, a maioria das ruas não possui pavimentação, somente as ruas das linhas de ônibus são asfaltadas. Pela quantidade de lotes vagos existentes no bairro, há alguns campos de futebol improvisados nestes locais onde, principalmente, as crianças brincam na parte da tarde e nos finais de semana. É justamente nessas ruas asfaltadas onde há maior movimento no bairro, nela há uma maior circulação de veículos e também de pessoas.

Nas ruas do Dey Rey se vê ainda muitas crianças brincando, apesar da fala sobre a violência está presente no cotidiano dessas pessoas, a rua ainda é um espaço importante de encontro e de lazer para elas. Nas portas de suas casas, nas esquinas, ou próximos ao comércio do bairro eles conversam, geralmente usam uma roupa mais velha, diferente daquelas usadas nos finais de semana. A atenção que estes jovens dão as roupas é imensa, segundo Helena Abramo (1994), elas são um importante marcador social, e por ter um preço mais baixo que outros bens, como o automóvel, se torna compreensível o esforço que eles despendem para adquiri-las. Assim seria possível apagar a imagem de pobre.

Ainda é comum encontrar casas sem muro, ou mesmo uma simples cerca separando as casas, ali os vizinhos conversam, troca favores, auxilia o outro em alguma necessidade. Sobre isso nos fala Caldeira:

“A visibilidade cotidiana das pessoas que as vai transformando em caras familiares; as cercas precárias – mas que não deixam de existir delimitando claramente espaços privados – e as ruas estreitas e sem movimento de estranhos favorecem uma certa proximidade. As pessoas se conhecem e se cumprimentam; as mulheres chegam na cerca para conversar e conservam o hábito de trocar pequenos favores ...” (1984,p.120)

O hábito de trocar favores é muito mais que um simples gesto de ajuda, ele faz parte de uma rede de solidariedade que, às vezes, é fundamental para a sobrevivência dos moradores, principalmente, para os mais pobres. No final do mês pode faltar dinheiro para comprar arroz, feijão ou macarrão; mas é importante ter um vizinho que possa socorrer neste momento. Tendo em seus habitantes uma grande parcela com baixa

renda, a periferia é um local onde as trocas de favores é um importante recurso para a sobrevivência de seus moradores. Por outro lado, é importante observar que a periferia não é um espaço homogêneo, onde todas as pessoas são pobres, sem recursos, com baixa escolaridade e sem profissão.

Existe uma heterogeneidade entre os sujeitos das periferias do Brasil. No caso do bairro Del Rey é notório as diversas realidades que convivem naquele espaço urbano. Nas ruas mais centrais do bairro as casas possuem uma melhor qualidade, a maioria são de laje, muitas possuem automóveis e motocicletas, alguns jovens possuem *lap top* com internet banda larga. Já em algumas ruas mais afastadas as casas são mais precárias e as condições desses moradores são mais difíceis.

Outro fator que chama atenção no Del Rey é o número de igrejas evangélicas, são várias, apesar de se tratar de um bairro pequeno. O fenômeno da proliferação dessas igrejas pelas periferias, também se explica pelo baixo índice de escolaridade destas populações. Mas, outros fatores são importantes para explicar esse rápido crescimento, como a busca por respostas para a vida, diante da crescente modernização do mundo. O crescimento dessas igrejas se deu também em outras classes sociais. Dois jovens do grupo e seus pais também são evangélicos.

Há também muitos bares, estes bares servem de espaço de lazer para grande parte da população, outra opção é o próprio espaço doméstico. No lar a televisão é o principal aparelho utilizado para o lazer e quase todas as casas possuem aparelhos de DVD. Nos bares e no comércio local é comum encontrar DVD de filmes piratas a venda, indicando que assistir filmes em casa é uma alternativa a dificuldade em ir ao cinema. Mas sair de sua casa e buscar outras opções de lazer fora do bairro não é uma tarefa das mais simples para os jovens. O preço do transporte e a baixa renda é um grande dificultador, além de que, nos finais de semana os ônibus param de circular mais cedo. O orçamento das famílias é apertado e as vezes a renda de toda família é para cobrir os gastos mensais. Mesmo sendo jovem há necessidade de contribuir e dividir as despesas, desde cedo começam a trabalhar.

Mas quando se é jovem e solteiro sempre sobra algum dinheiro para comprar uma roupa da moda, um tênis novo e um aparelho celular. E apesar de toda a

dificuldade o lazer do final de semana é sagrado, mesmo tendo que andar a pé para economizar no transporte. O fato de ainda morarem com os pais, mesmo estes tendo uma renda baixa, lhes permite investir no lazer. Em pesquisa com jovens de periferia DAYRELL 2001 observou que eles entram mais rápido na vida adulta em relação aos jovens de classe média. Muitos se casam ainda jovens, no caso das meninas é comum uma gravidez na adolescência. No grupo, D’Grais e Leandro já são casados e sempre relatam a dificuldade de sobreviver com a família com uma renda baixa. Mas talvez a dificuldade ainda maior seja administrar o tempo livre, Caldeira observou que

“No que se refere aos adultos, só algum acontecimento excepcional, como festas de aniversário ou casamento, uma excursão ou um circo-teatro que se instalou nas redondezas é que costuma movê-los do raio de suas casas e da vizinhança. Isso não é verdade, contudo, para os jovens, que saem e se movimentam bastante. Eles costumam usar seu tempo livre principalmente para se divertir, geralmente com alguns colegas ou vizinhos.” (1984,p.125)

Essa disponibilidade de tempo desaparece com o casamento e a constituição de uma nova família, implicando numa profunda transformação perante a vida, como diz ainda Tereza Caldeira:

“Há que se adotar uma postura responsável. Os afazeres domésticos reduzem drasticamente o tempo livre das mulheres – ela agora é dona de casa e é dentro de casa que deve ficar ; os homens podem ficar saindo com seus colegas, uma vez que continuam donos do seu tempo livre, mas isso não duro muito. E assim, da noite para o dia, as sessões de música são substituídas por visitas aos pais de cada um dos membros do casal; as noites da discoteca por filmes de televisão; os passeios das tardes de domingo por algumas horas de sono ou por uma outra visita. E isso enquanto não chega o primeiro filho, que muda ainda mais a vida da mulher, que acaba de se fechar em casa. Mas muda também a do homem, pois, afinal, é mais uma pessoa a ser sustentada.” (1984,p.132)

Boa parte da diversão dos jovens de periferia tem na música e na dança um dos principais elementos. A música, por exemplo, acompanha quase todos os momentos de lazer, o tempo que se fica sozinho em casa, os encontros com os amigos, no carro ou na porta de casa. Com as novas tecnologias, os aparelhos celulares também são utilizados para tocarem músicas e eles o fazem, no espaço da escola. Tereza Caldeira já observava este fenômeno no início da década de 80:

“A música parece ser um dos componentes essenciais do lazer dos jovens. É comum, no sábado à tarde, ver rapazes e moças cruzando o

bairro com alguns discos, geralmente compactos, embaixo dos braços. São discos realmente manuseados, que rodam de uma casa para outra e cujas capas, depois de algumas semanas, estão já bastante gastas. São ouvidos no último volume, e as pessoas costumam cantar junto com o disco; frequentemente sabem as letras de cor .” Caldeira (1984,p.131)

Para jovens integrantes do grupo Maquiavélicos Crew a dança e a música se confundem com a sua própria história de vida. Apesar de ser um grupo de Break eles compõem algumas letras de rap, quase sempre tratando da sua condição cultural e social, e cantam em algumas oportunidades. Dançar, cantar e treinar é a essência de suas vidas.

Seu eu ficar uma semana sem treinar eu já começo a ficar mau humorado, eu tenho que estar ali, quando eu escuto o batido da música não tem coisa que completa mais não, não tem coisa melhor não. (Depoimento D' GROIS:2010)

Quando indagados sobre a relação da vida deles com o hip hop um dos entrevistados respondeu:

Eu já deixei certos tipos de serviço, as vezes eu nem procuro certos tipos de serviço, porque vai avacalhar. Porque é uma coisa que me dá mais retorno do que uma coisa se eu tivesse trabalhando num serviço que eu poderia estar ganhando mais, mas eu não teria o espaço para poder está treinando que é uma coisa que eu gosto de fazer. (Depoimento D' GROIS:2010)

Para outro, no entanto:

Tem ser uma coisa do lazer: a gente tem que ter esta parte, porque a gente tem serviço, família, e no hip hop você volta a ser criança novamente. Você nem envelhece, você pode observar que os cara que dança hip hop, as vezes o cara tem 30, 40 anos e parece que ele tem 20. (Depoimento Leandro Del Rey:2010)

Por meio das falas dos jovens, foi possível detectar a importância que o lazer exerce na vida das pessoas, no caso especial desses jovens o lazer ocupa uma posição essencial. Essa constatação corrobora, com o que diz, nas suas análises sobre o lazer,

Nelson Marcelino. Ele aborda a importância de observar com atenção aquilo que as pessoas pensam e dizem sobre o lazer, assim:

“Quando se pergunta às pessoas, qual a importância do lazer nas suas vidas, a resposta fica entre sétimo a décimo lugar numa escala de prioridade. Isso se deve a pouca “ressonância social do lazer”, ainda não visto como um direito social, e também a hierarquia de necessidades. Mas, quando se convive diretamente com as pessoas pode-se ver, claramente, a importância do lazer como busca de significados para suas vidas”. Marcelino (2006,p.74)

Nesse sentido é necessário considerar a importância do lazer na constituição da identidade destes jovens e o significado que ele exerce em suas vidas. Concordamos com Gomes (2008,p.03) quando diz que “O lazer participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, é um dos fios tecidos na rede humana de significados, símbolos e significações”. O lazer, sem dúvida, é um aspecto central na subjetividade destes sujeitos, é o caminho por meio do qual eles exercem sua cidadania, ocupam espaços e se vêem enquanto sujeitos sociais.

5 CONCLUSÃO

São múltiplas as possibilidades de estudos no campo do lazer, suas manifestações culturais abarcam uma variedade de opções. No nosso caso, optamos por estudar as formas de lazer vivenciadas por jovens integrantes do movimento hip hop de um bairro de periferia de Divinópolis, no estado de Minas Gerais. Ao longo de nosso trabalho, procuramos observar e demonstrar a importância do hip hop para as práticas e vivências de lazer. Como vimos, o hip hop enquanto movimento cultural teve suas origens nos bairros pobres das grandes cidades de Nova York. Logo, esse movimento que envolveu os jovens pobres daquela região logo se alastrou para vários países do mundo. Como não poderia deixar de ser diferente, o hip hop chegou ao Brasil e se tornou opção de lazer para milhões de jovens, principalmente, dos bairros pobres, como favelas e periferias.

Para melhor compreender o fenômeno do lazer, enquanto prática cultural no movimento hip hop, colocamos como foco o espaço urbano da periferia. Optamos por abordar a temática da periferia, por entender, que o estudo mais aprofundado deste espaço poderia dar luz a uma melhor compreensão do cotidiano dos jovens estudados. Analisar o cotidiano dos jovens integrantes da pesquisa, possibilita observar a maneira pelas quais, eles não apenas vivenciam o lazer, mas também o significado que eles dão a estas práticas.

Por fim, esperemos que este estudo, apesar de todas as suas limitações possa contribuir de alguma forma, para análises da importância e centralidade do lazer na vida dos jovens. Esperamos que se lance novos olhares para as práticas de lazer nos bairros pobres, mais especificamente nas periferias. Que se observe com mais atenção os espaços e equipamentos de lazer nessas regiões, e principalmente, o grande impacto do lazer na qualidade de vida das pessoas.

RFEERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano.** São Paulo: Ed. Scritta, 1994.

CALDEIRA, Teresa P. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores de periferia e o que pensam do poder e dos poderosos.** São Paulo. Ed Brasiliense, 1984

_____. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo. Ed 34 / Edusp, 2000.

CORGOZINHO, Batistina M. S. **Nas linhas da modernidade: continuidade e ruptura.** 2003. 366 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicadas à Educação) – Faculdade de educação, UFMG. Belo Horizonte, 2003.

DAYRELL, Juarez T. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude de Belo Horizonte.** 2001.399 f. Tese (Doutorado em Educação e Trabalho) - Faculdade de Educação, USP.São Paulo, 2001.

GOMES, Christianne Luce. Lazer e descanso. **Seminário Lazer em debate**, 9, 2008, São Paulo.*Anais...* São Paulo: USP, 2008. p.1-15. Disponível em: <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazerdebate/anais-christianne.pdf.pdf>

GONTIJO, Jean Carlo. **Juventude periférica: construção da identidade e mobilização social entre os rappers da periferia.** 2004. 43 f. Monografia. (Bacharelado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte, 2004.

GUASCO, Pedro Paulo. **Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo.** 2000. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Urbana) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2000.

HERSCHAMANN, Michael. **O funk e o hip hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

MAGNANI, José C. ; SOUSA, Bruna M. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade.** São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

MARCELINO, Nelson Carvalho (Org.) . **Lazer e Cultura Campinas SP.** ED. Alínea 2007.

_____. O Lazer e os Espaços na Cidade. In ISAYAMA, Hélder Ferreira. & LINAHRES, Meily. **Sobre Lazer e Política: maneiras de ver, maneiras de fazer.** Belo Horizonte MG. ED. UFMG. 2006.

ROSA, Maria C. As festas e o lazer. IN MARCELINO, Nelson Carvalho (Org.) . **Lazer e Cultura Campinas SP.** ED. Alínea 2007.

ROSE, Tricia. Política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In HERSCHAMANN. Michael (Org). **Abalando os anos 90: funk e hip hop - globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. O Brasil e as saúvas. **Revista Carta Capital**, Nº 221, 2002.

STOPPA, Edmur A. **“Tá ligado mano”**: o hip hop como lazer e busca da cidadania. **Campinas**. 2005. 141 f. Tese (Doutorado em Lazer) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas, 2005.

VIANNA, Hermano (Org). **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

YÚDICE, George. A funkificação do Rio. In HERSCHAMANN. Michael (Org). **Abalando os anos 90: funk e hip hop - globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.